

Presidente da Renamo anuncia candidatura à Presidência da República de Moçambique

SJ: 1/11/93

A Renamo vai acantonar os seus efectivos a partir de 30 de Novembro, segundo declarou o seu presidente, Afonso Dhlakama, que confirmou que será o candidato do seu movimento às eleições presidenciais de Outubro de 1994.

Esta foi a primeira vez que Dhlakama anunciou publicamente a sua intenção, já esperada, de se candidatar à Presidência

da República.

Dhlakama também indicou que a Renamo vai ter homens seus, civis e militares, em todos os destacamentos da Polícia moçambicana, para fiscalizar a acção desta força do Governo, até à chegada do contingente policial das Nações Unidas, que lhe foi prometida para data incerta pelo secretário-geral da ONU, Boutros Ghali, duran-

te a sua visita a Maputo.

Esse foi um dos resultados das negociações dos últimos dias, de que saiu também um acordo sobre a composição da Comissão Nacional de Eleições e a reconvocação da Multipartidária para aprovar a Lei Eleitoral, bem como sobre a presidência e membros de três comissões do processo de paz — Administração, Política e Informação.

Dhlakama considera que obteve uma «vitória» na questão das comissões e que não houve «clarificação» alguma por parte do presidente da República, Joaquim Chissano, como afirmara Boutros Ghali, antes de deixar Maputo.

O líder da Renamo está também satisfeito porque «o Governo já deu garantias à Comunidade Internacional de que aceita desmantelar os exércitos privados, grupos esses antes apareciam como uma fabricação da Renamo».

A Comissão de Cessar-Fogo (CCF) vai aí desempenhar um papel, identificando onde estão estacionadas essas forças irregulares, que vão ser extintas, revelou.

Segundo ele, a barreira dos cinco por cento vai ser mantida na Lei Eleitoral «para não ferir o Acordo de Paz».

Essa barreira, que impedirá os partidos que tiverem menos de cinco por cento dos votos a nível nacional de entrarem no futuro Parlamento, foi exigida pela Renamo nas conversações de Roma, quando considerava os partidos emergentes «fantoques» da Frelimo. «Penso que os outros partidos também vão entender porque não podemos alterar esse ponto», considera.

O líder da Resistência Nacional Moçambicana afirmou que os seus entendimentos anunciados no termo da visita do secretário-geral da ONU, após negociações com o presidente Joaquim Chissano, não vão criar problemas com os comandantes militares do movimento.

«Os comandantes da Renamo querem a paz, não querem a guerra» — garantiu.

«Se os comandantes do meu movimento quisessem isso, já teriam complicado. Tiveram situações péssimas. Os nossos homens foram atacados» — acrescentou Dhlakama — que recorreu como conseguiu convencê-los a não reagir a

ataques das tropas do Governo.

Recorde-se que, em Julho, soldados governamentais, com blindados, tomaram de assalto a base da sua organização na Província de Tete. A Renamo perdeu três homens e material.

PASSAR MAIS TEMPO NA CAPITAL MOÇAMBICANA

Dhlakama revelou que a partir de agora vai passar mais tempo na capital moçambicana, utilizando para o efeito a residência posta à sua disposição pela Comunidade Europeia.

Para já, disse, é provisória, mas se não conseguir arranjar outra será definitiva e é a partir dela, aparentemente, que tenciona iniciar a sua actividade eleitoral.

«Eu já não posso fazer a política por correspondência aqui em Maputo» — admitiu.

«Vou candidatar-me às eleições presidenciais, porque dentro do Partido Renamo existe um consenso de decidir que o Dhlakama vai-se candidatar» — declarou.

Os membros da Renamo «adiantaram, em conversa, que não irão escolher outro candidato à Presidência, senão o próprio líder do partido, que é o Afonso Dhlakama» — disse.

«As pessoas podem não gostar da Renamo como partido, mas gostando da pessoa do presidente Dhlakama, eu posso ganhar as eleições. Portanto, é preciso que as pessoas conheçam quem é o Dhlakama» — explicou, adiantando que, é esse o «segredo das eleições».

Mas o líder da Renamo afirmou que o seu movimento não tem meios para a campanha eleitoral, apesar do fundo que existe para financiar a transformação do seu movimento em partido político.

«Eu expliquei ao secretário-geral das Nações Unidas que não estava satisfei-

to com o «Trust Fund», porque o dinheiro é nosso. A Comunidade Internacional meteu na caixa da ONU o dinheiro da Renamo. As Nações Unidas estão administrar apenas. Mas complicam», disse.

MESMO UM FATO A ONU É QUE VAI COMPRAR

Dhlakama afirmou que a Renamo «não pode levantar o dinheiro, em 'cash'. «Exigem-nos sempre facturas» e mesmo para comprar um simples fato, é a ONU que vai pagar à loja» — explicou. «Eles têm uma burocracia muito pesada. Não pode ser».

«O dinheiro está a apodrecer, está com eles e o tempo está ficando curto», quando se prevê a realização das eleições em Outubro de 1994.

O secretário-geral da ONU prometeu-lhe que ia estudar em Nova Iorque a questão da utilização do «Trust Fund», mas das declarações de Dhlakama transparece que nada de concreto ficou para já decidido.

«É preciso que a Comunidade Internacional ajude a Renamo», clamou. «Se é que os países ocidentais querem a democracia em Moçambique, o fim da guerra, a paz, eleições livres e democráticas».

«Há só uma parte, uma força que está bem preparada, que é o Governo» — considera. «O Governo tem casas, tem rádios, tem jornais, tem carros, tem aviões, tem dinheiro. Quer dizer, tem tudo, é o Estado. Frelimo e Estado é a mesma coisa. E a Renamo não, tem nada».

O seu movimento «só tinha armas nas mãos, AK-47», mas desde o dia 4 de Outubro (de 1992), nós depusémo-las».

«Como é que vamos organizar as eleições?» — pergunta Dhlakama, que considera que «fazer as eleições sem condições» significa «querer a vitória da Frelimo».